

errantes saudades de moço para o distante e o estranho; e o pensamento na volta à pátria, na reflexão, na sobriedade, na labuta e na mestria, o repugnaram de tal maneira que seu rosto se contorceu em expressão de mal-estar físico. “Devem ocultar!” murmurou impetuoso. E: “Eu calarei!” A consciência de sua co-sabedoria, de sua cumplicidade, embriagou-o como pequenas quantidades de vinho embriagam um cérebro cansado. O quadro da cidade atribulada e abandonada, flutuava tumultuoso no seu espírito, acendeu nêles esperanças inconcebíveis, ultrapassando a razão, e de intensa doçura. Que lhe era a felicidade delicada, com a qual sonhara há pouco, comparada com estas expectativas? Que lhe diziam ainda arte e virtude comparadas às vantagens do caos? Calou-se e ficou.

Nesta noite teve um sonho terrível, — se podem ser chamadas de sonho experiências físico-espirituais — apesar de lhe terem acontecido no mais profundo sono e em completa independência e presença física, sem que se visse andando e presente no lugar dos acontecimentos, porque a cena era sua própria alma, êstes romperam de fora para dentro sua resistência — uma resistência profunda e espiritual — derrubando-a violentamente, traspassando-a, deixando sua existência, deixando a cultura de sua vida devastada, exterminada.

O mêdo, foi o princípio, mêdo, desejo e uma curiosidade horrorizada pelo que devia vir. Imperava a noite e os seus sentidos escutavam; pois de longe se

aproximavam tumulto e bulha, uma mistura de barulhos: um sacudir de correntes, retumbar, abafados trovões acompanhados de júbilos estridentes e de um certo uivar com o som prolongado de “u” — tudo isto impregnado por um toque de flauta soando mais alto e medonhamente doce, profundamente arrulhante, perversamente pertinaz que, de maneira importunamente vergonhosa, lhe enfeitiçava as entranhas. Êle sabia uma palavra obscura, mas dando um nome ao que vinha: *O deus estranho*. Acendeu-se uma chama cheia de fumaça: então reconheceu terra montanhosa, parecida àquela em redor de sua residência de verão. E numa luz rompida, vindo de alturas revestidas de florestas, entre troncos de árvores e rochas cobertas de musgo, rolavam e precipitavam-se, girando para baixo: homens, animais, um enxame, um bando furioso — e inundaram a colina de corpos, chamas, tumulto e dança vertiginosa. Mulheres gemendo, sacudiam tamborins sôbre suas cabeças jogadas para trás, tropeçando sôbre longos hábitos de pele que lhes pendiam da cintura; vibravam punhais nus e archotes cujas chamas se dispersavam; seguravam serpentes sibilantes pelo meio dos corpos ou erguiam, gritando, seus seios com ambas as mãos. Homens de chifre sôbre as testas abrigados em peles, hirsutos, curvavam o pescoço e erguiam braços e coxas, faziam vibrar pratos de bronze e batiam raivosos sôbre timbales, enquanto que, com bastões envolvidos em fôlhas, rapazes nus espicaçavam bodes cujos chifres agarravam, deixando-se arrastar, jubilantes, pelos